Tagore

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

BIOGRAFIAS

Rabindranath Tagore

POR

BENTO DE JESUS CARAÇA

LISBOA
SEARA NOVA
1 9 3 9

OBRAS DO AUTOR

INTERPOLAÇÃO E INTEGRAÇÃO NUMÉRICA, (1935).

LIÇÕES DE ÁLGEBRA E ANÁLISE, vol. I (1935).

CÁLCULO VECTORIAL, (1937).

A CULTURA INTEGRAL DO INDIVÍDUO, Problema Central do Nosso Tempo 1933 (esgotada).

A VIDA E A OBRA DE EVARISTO GALOIS, 1932 (esgotada).

GALILEO GALILEI, Valor Científico e Valor Moral da Sua Obra, 1933 (na colecção Cadernos da *Seara Nova*).

Composto e impresso na «Gráfica Lisbonense», C. do Tejolo, 37-A—Lisboa

É de todo impossível, no curto tempo de que disponho, dar uma idea, por pouco completa que pretenda ser, da obra de Tagore, nos seus vários aspectos.

O poeta, o pensador, o dramaturgo, o educador, cada um dos aspectos da personalidade riquíssima que é Tagore, exigia, para se não ser demasiado imperfeito, um estudo separado. Mas, por um curioso paradoxo que só a respeito dos grandes é possível, a própria diversidade nos ajuda; a extensão da obra por diferentes campos, em vez de nos confundir pela dispersão, orienta-nos pela continuïdade dos traços gerais que apresenta. Há uma unidade profunda em tôdas as suas produções e é de um encanto extremo, para quem mergulha neste vasto oceano, descobrir e ver afirmarem-se e prolongarem-se as suas linhas de estrutura interna.

Pôr em evidência tais linhas, procurando, através delas, mostrar-vos os temas fundamentais das preocupações do poeta, eis o meu intuito, modesto ou ambicioso conforme o ponto de vista de que seja encarado.

* * *

Não ficaria talvez mal, no limiar de um estudo sôbre um poeta indiano, dizer que êle é a *quinta-essência* ou o *expoente máximo*, ou qualquer outra finura de igual jaez, da *alma oriental*. Se o não faço, é apenas por desconhecimento total, que humildemente confesso, do que sejam tais subtilezas. E se não tenho pena nenhuma da minha ignorância do que seja um expoente máximo, já o mesmo se não dá quanto à alma oriental. ¡Como gostaria de a conhecer e de a poder interrogar sôbre alguns problemas ardentes que o mundo hoje se põe com angústia! Mas a pobre alma oriental deve a esta hora estar meio asfixiada com a fumarada das explosões nas cidades e aldeias chinesas, ou, talvez, quem sabe, hesitante sôbre se deve tomar lugar a bordo dum avião de bombardeamento pilotado por um *oriental* japonês, ou agarrar-se aos últimos rasgões da carne torturada dum, não menos *oriental*, camponês da China do centro.

Mas, dir-me-ão, restrinjamos o campo; Tagore é indiano, não saiamos da Índia; temos lá vasto espaço para procurar essa unidade que podemos designar por alma oriental e de que o faremos representante.

Temos, de-facto, largo espaço. Procuremos; ¿onde a vamos encontrar? ¿nos picos sempre gelados dos Himalayas, ou nas regiões de clima tropical do sul da península? ¿nas montanhas do

centro e do sudoeste ou nas vastas planícies ao nível do mar do nordeste? ¿nos desertos ou nas florestas? ¿alojada entre os habitantes de que raça? ¿entre os adeptos de que religião? ¿dos cultores de que língua, das 220 que lá se falam? ¿dos membros de que casta — entre os brahmanes ou altivos Kshatryas, ou entre os párias, sujeitos a um grau de degradação social que atinge o inimaginável?

Não, qualquer que seja o ponto de vista de que a encaremos: geológico, físico, climático, de raça, religião, língua ou casta, a Índia apresenta-se-nos como um vasto seio maternal onde tudo se acolhe, onde tudo cohabita. Não há possibilidade de lá encontrar nada que permita inferir a existência dum substractum de formação psicológica ou mental *una* que possa designar-se pela expressão, já condenada pelo que tem de vago, de alma oriental.

¿E será muito de lamentar que tal aconteça? creio bem que não; pelo contrário, a experiência parece-me demonstrar que, desde que grupos humanos se encontrem em face dos mesmos problemas — e estes dependem, mais do que dos homens, da forma orgânica em que mergulham — as suas respostas são singularmente as mesmas, qualquer que seja a região em que se encontrem. Podemos apostar, sem receio, noventa e nove contra um em que, face a uma daquelas questões árdentes a que acima me referi, encontraremos unidos, na mesma resposta, os orientais Tagore ou Gandhi com o ocidental

Romain Rolland, por exemplo, e unidos também, na resposta contrária, o conspícuo oriental Senhor Hiranuma e os não menos conspícuos ocidentais senhores Mussolini ou Hitler.

Os verdadeiros interêsses humanos e o conjunto daqueles valores que lhes são inerentes topam em tôda a parte, nascidos lado a lado no espaço, defensores e inimigos, e não é raro ir encontrar, saído dum canto ignorado do mundo e mergulhando profundamente raízes no que de mais humilde tem o ambiente humano que o rodeia, quem, precisamente da humildade dêsse ambiente, tire o alimento da universalidade do seu espírito e a fôrça para lutar em defesa do património comum da humanidade. Disto, é Tagore um exemplo frizante, como veremos daqui a pouco, e não é êste, certamente, o menor ensinamento da sua vida.

* * *

Há quem considere a obra dos grandes homens como produto exclusivo das suas qualidades pessoais, independentemente de quaisquer influências externas, e quem vá até ao ponto de afirmar que o progresso humano, mesmo naquilo que êle tem de mais palpável, o conhecimento da natureza, se faz ao acaso do aparecimento de homens geniais. Felizes pessoas essas, que com pouco se contentam, e para quem uma universal bruxaria

na distribuïção dos génios pelo espaço e pelo tempo chega para explicar a marcha da civilização. Mas se tivermos um pouco mais de exigência e nos debruçarmos com cuidado sôbre a eclosão duma personalidade e conseqüente projecção através da sua obra, descobrimos qualquer coisa de mais belo e mais simples — que tôda a obra humana é simultâneamente uma síntese e um ponto de partida; que tôda a personalidade é resultado das suas qualidades próprias e das acções e reacções que se desenvolvem entre si e o meio, no sentido lato; que um e outro, meio e homem, são mùtuamente actuados e transformados e não significam mais, na permanente fluência das coisas, que um momento da vida universal. É à luz dêste critério que vamos examinar a vida e a obra de Tagore.

Comecemos por um rápido volver de olhos sôbre o meio.

Nasceu o poeta a 6 de Maio de 1861 em Calcutá, capital da província de Bengala. Esta província, mercê da situação geográfica privilegiada em que se encontra, desempenhou sempre na Índia um papel preponderante, podendo afirmar-se que foi, em todos os tempos, a região política e culturalmente mais evoluída de todo o continente indiano.

A planície indo-gangética, de que Bengala forma a extremidade oriental, encontra-se defendida de to-

dos os lados, mormente a norte e oriente, por poderosos obstáculos naturais, facto que adquire uma importância enorme se nos reportarmos àquelas épocas históricas recuadas em que as deslocações demográficas tinham que utilizar as facilidades naturais do terreno e em que os transportes marítimos, se existiam, não se prestavam ainda a movimentos importantes de povos. ¿De onde podia Bengala ser atingida? apenas pelo ocidente, ao longo do curso do Ganges. Mas se recordarmos a enorme extensão dessa planície e ainda que as entradas de povos na Índia se faziam apenas, e duma maneira escassa, pela passagem de Noroeste do sistema montanhoso Indu-Kush, fàcilmente reconhecemos que Bengala reüniu durante muitos séculos condições geográficas que, se a não colocaram totalmente ao abrigo das invasões estrangeiras, fizeram melhor, abrigaram-na das variações bruscas produzidas por essas invasões. Quando as ondas de invasão lá chegavam, e foram várias, a primeira violência fôra há muito quebrada e o trabalho de assimilação do invasor pelo meio ia já adiantado; o Nordeste aproveitava das vantagens do influxo de sangue novo sem correr os riscos duma subversão catastrófica.

Isto explica que ela tenha apresentado, pelo decorrer dos tempos, uma unidade e uma permanência demográfica e de cultura que sempre faltaram à Índia no seu conjunto; isso explica ainda que tenha sido dessa privilegiada região de Nor-

deste que mais duma vez tenham saído grandes movimentos políticos e religiosos. Lembraremos, a êste respeito, o império Magadha que, correspondente mais ou menos às modernas províncias Bihar e Bengala, tinha a sua capital em Pataliputra, a Pátna de hoje. Foi lá que se forjaram, aí pelo século VI A. C., e na altura em que na Grécia começava o tormento da procura da razão e realidade última das coisas, dois grandes movimentos que, embora com sortes diferentes, deviam vir a ter ambos uma enorme influência no desenvolvimento religioso do Oriente e, talvez mesmo, do Ocidente: o Jainismo, fundado por Vardhamana Mahavira e o budismo por Sidharta Gautama — o Budha, o Iluminado. Foi lá que dominou a dinastia Maurya e o seu mais ilustre representante Asoka (1), o imperador-monge, senhor dum império fabuloso que, abrangendo quási tôda a Índia de hoje, se estendia ainda para Oeste e Noroeste englobando a Gedrosia e a Arachosia, ou Afganistão actual. Foi de lá ainda que surgiu, mais tarde, a dinastia Gupta que deu ao Norte da Índia um largo período de prosperidade — o seu período de ouro — que vai até ao século V depois de Cristo.

À queda do império Gupta segue-se um largo período de desorganização que favorece a conquista mussulmana à qual as rivalidades dos prín-

(1) Século III A. C.

cipes locais não permitem nunca que se oponha um obstáculo forte. Começada pelos meados do século VII, a vaga mussulmana só no fim do século XII atinge Bengala. Mas a realidade nacional, ali forjada lentamente, é já forte bastante para tentar uma afirmação de independência. Pelo meado do século XIV, os reis afgãos de Bengala proclamam-se independentes e assim continuam até que, no último quartel do século XVI, a região é encorporada no império mogul, fundado uma cinqüentena de anos antes por Babur. A independência, pelo menos de facto, voltou a sorrir a Bengala no comêço do século XVIII até que em 1765 um tratado firmado com o imperador mogul de Delhi passava as províncias de Bengala, Bihar e Orissa para a administração da Companhia das Índias — os destinos de Bengala iam gravitar, daí em diante, na órbita britânica.

* * *

Se, do conjunto de factores que constituem uma realidade nacional, reportarmos a nossa atenção para a língua e literatura, que aqui especialmente nos interessam, vejamos o que se passa com o povo de Bengala.

Reconhecemos, em primeiro lugar, que a escrita nunca teve, em tôda a Índia, a mesma importância que nos povos do Ocidente. Importada, provàvelmente da Ásia Menor, uns oito séculos antes de Cristo, confinou-se durante muito tempo

às necessidades comerciais, sem actuar pròpriamente sôbre a vida literária. Os grandes livros sagrados e poemas épicos hindús antigos eram recitados e assim transmitidos de geração em geração. Ia aqui qualquer coisa do carácter divino dos textos — a recitação oral era considerada como a única forma de expressão adequada à revelação divina; a literatura religiosa era destinada a ser *ouvida* e não *lida*.

Êste primado do *ouvir* sôbre o *ver* foi a origem de todo um conjunto de normas destinadas à transmissão dessa literatura — música, canções, espécies de representações teatrais acompanhadas de danças.

Tagore, profundamente enraïzado nas tradições do seu povo, não podia deixar de acusar êste traço ancestral — nêle também o ouvir, a música, desempenha um papel importante, e tanto, que chega a afirmar «se depois de velho tivesse que perder a vista ou o ouvido, preferia perder a vista, para poder ouvir ainda o canto das aves e das crianças». Outro exemplo dêste mesmo facto é que Tagore nunca confia à escrita musical a transcrição das melodias que compõe — canta-as e nada mais. A um sobrinho, «the treasure house of all my songs» (1) como lhe chama, se deve a conservação da sua obra musical mas, com a morte prematura dêsse sobrinho, é de temer que muitas melodias se tenham perdido.

(1) O tesouro das minhas canções.

No que diz respeito pròpriamente à escrita, só pelo século XV se encontram os primeiros monumentos da língua bengali, o que não quere dizer que a sua emancipação não tivesse evidentemente começado mais cêdo. Parece ter sido Chandi Das o primeiro poeta a escrever nessa língua. ¿Quem era Chandi Das? Um monge que provocou largo escândalo entre os brahmanes por escrever poemas de amor. Excomungado, nem por isso renunciou à sua Rani, a quem queria da maneira delicada que esta passagem atesta «não posso esquecer a vossa graça e o vosso encanto e contudo não há nenhum desejo no meu coração».

Mas, para o que vai seguir-se, importa mais lembrar que Chandi Das pertencia à seita religiosa Vaishnava, devotada ao culto de Krishna, a qual teve no século XVI em Chaitanya o seu principal representante no país de Bengala. Chaitanya teve larga acção religiosa e social. Do ponto de vista religioso, êle procurava unificar o amor divino e o amor humano; o homem está em comunhão com o meio cósmico que o rodeia, tudo o que vibra no meio, vibra no homem: para atingir o divino não há portanto que nos evadirmos de nós próprios mas, pelo contrário, analisar a experiência humana, porque, ao cabo do seu conhecimento, está a suprema libertação da união com o divino. Tôda a experiência religiosa vai portanto consistir numa expansão da experiência humana em simpatia com o meio e, para obter essa expansão,

Chaitanya usava a música, a dança, canções e obras de teatro curtas.

Antecipando sôbre o que adiante será dito, notemos desde já que esta concepção vaishnavita teve uma profunda influência sôbre o espírito de Tagore. Êle próprio o reconhece, marcando ao mesmo tempo com agudeza o que o desenvolvimento religioso da Índia do Norte deve à natureza física do meio, principalmente ao seu elemento dominante — a floresta.

Numa passagem duma das suas mais belas conferências, *A Religião da Floresta* (1), depois de se referir a que os povos da beira-mar e do deserto adquirem, pela sua labuta diária, um sentimento de necessidade de luta contra o meio ambiente, o que vai reflectir-se imediatamente nas suas construções metafísicas e religiosas, acrescenta: «Nas imensas planícies da Índia setentrional, os homens não acharam barreira entre a sua existência particular e a grande vida que penetra o universo. A floresta vivia em comunhão com êles, com o seu trabalho e o seu repouso, com as suas necessidades quotidianas e as suas meditações. Êles não teriam podido imaginar um outro quadro, hostil ou distante. Assim também a verdade, tal como a concebiam estes homens, não acentuava a diferença, mas, antes, a unidade de tôdas as coisas. Êles professavam a sua fé nestas palavras: — «tudo

(1) *La religion du poète*, Payot.

o que existe vibra com a vida, porque saíu da vida».

O poeta entrega-nos assim, num passo luminoso, a explicação dum dos traços fundamentais de tôda a filosofia religiosa hindu e, ao mesmo tempo, a chave para a compreensão de muita coisa que a si próprio diz respeito.

Mas antes de utilizarmos essa chave vamos completar o quadro do meio em que se desenvolveu a vida de Tagore. Faltam-nos, para isso, dois elementos ainda.

Um, diz respeito aos prolongamentos da acção social dos Vaishnavitas, a que atrás nos referimos.

Desde há muitos séculos fôra estabelecida e firmada na Índia, como conseqüência da organização da vida dos povos, uma estrita divisão da população em castas — os brahmanes e os nobres Kshatryas disputando-se o primeiro lugar, os comerciantes, ou vaisyas, em nível sensìvelmente mais baixo, mais abaixo ainda os trabalhadores manuais ou sudras e, para além dêles, numa existência sem direito à vida humana, os párias, meros sêres vivos, colocados muito abaixo de certos animais domésticos. Do nível de degradação em que eram tidos, dá bem a nota o exemplo daquela mãi Kshatrya a quem caíu um filho a um lago e que preferiu vê-lo morrer a permitir que um pária mergulhasse e o salvasse, não fôsse o lugar ficar maculado pelo contacto impuro. Pois bem, Chaitanya, elevou-se contra o sistema das castas; despojando-se de tudo,

adoptou a vida de mendicante religioso e admitiu na sua seita representantes de tôdas as castas, com iguais direitos.

É importante reparar em que as figuras mais importantes da vida literária e religiosa da Índia do Norte por essa altura (entre os séculos XIV e XVI) se distinguem por uma oposição nítida ao socialmente estabelecido e considerado.

É Chandi Das excomungado pelos brahmanes; é Kabir, um grande poeta do século XV de quem Tagore traduziu poemas, perseguido por herético e homem perigoso, homem que não adorava os deuses que os outros haviam inventado e para quem não havia necessidade de templos nem de mesquitas; é Chaitanya, marcando a sua posição revolucionária por uma vida de vagabundo, desapossado de tudo; são ainda outros, tantos outros. Tudo isto mostra a existência, nas mais fundas camadas da população, duma forte corrente de oposição à sociedade tal como se encontrava organizada. Essa oposição manifesta-se no plano religioso por uma conversão ao humano e uma recusa da necessidade de evasão do mundo, afirmada pela literatura religiosa antiga, e no plano social pela regeição do sistema das castas.

A mesma corrente tem ainda hoje o seu prolongamento e é representada actualmente pelos cantores vagabundos denominados Baüls. Como os seus antepassados, os Baüls não teem bens, nem templos, nem escrituras sagradas, nem admitem

separações entre os homens. Os caminhos, as canções, as florestas, e um grande amor, um amor sem limites, pela liberdade, amor que atinge a forma mística de regeição de qualquer laço que limite a personalidade, são o seu único património. É portanto aqui, nos aparentemente mais pobres, mais humildes, mais deserdados de tudo, que vamos encontrar a defesa daquele conjunto de valores que, para além e para cima da grandeza dos impérios, reais ou imaginários, constituem a afirmação da dignidade do homem. A um religioso que descrevia minuciosamente a um Baül as diferentes formas de amor consagradas nas escrituras, e lhe preguntava no fim a sua opinião, respondeu êste com estas palavras admiráveis: «um negociante de ouro, desceu, parece, ao jardim, e quis avaliar a flôr de lotus, esfregando-a na pedra de toque!»

A música e a poesia fazem um corpo único para os Baüls; tôdas as suas respostas são dadas sob a forma de canções que jamais são coligidas por escrito. ¿Estão V.V. Ex.as vendo já um ponto de contacto entre Tagore e os vagabundos Baül? muitos outros encontraremos no seguimento.

Para êles a personalidade está no centro de tudo e o fim da vida reside na procura e descoberta do Homem, libertando-o de tôda a ganga que o envolva. Opõem-se, por isso, a tôdas as religiões clássicas da Índia, classificando-as de artificiais; regeitam, claro, em absoluto o sistema das castas, admitindo no seu seio membros de tôdas

elas e tratando-os igualmente; o seu cuidado na regeição de distinções entre os homens vai até ao ponto de jamais se barbearem nem cortarem os cabelos, só porque é freqüente na Índia as seitas se distinguirem umas das outras pelo modo de usarem o cabelo e a barba. E se alguém fôr tentado a chamar-lhes malucos, saiba que não lhes dá novidade nenhuma, porque a única designação que êles aceitam, a de Baüls, quere dizer pouco mais ou menos isso mesmo...

Para terminar o bosquejo do quadro em que vai desenvolver-se a vida de Tagore, falta-nos já agora só um elemento — determinar o estado em que se encontra a expressão literária da cultura nacional.

Vimos atrás que a língua escrita bengali começa a tomar forma com Chandi Das no princípio do século XV. A êste nome há a juntar muitos outros, como Vidyapati, Kabir etc.; mas por altura do século XVIII a literatura bengali sofre um esmorecimento acentuado e parece destinada a morrer. O renascimento dessa literatura só se dá no princípio do século XIX, e por virtude dum choque exterior. Êsse choque foi provocado pela tendência imperialista da língua inglêsa na sua tentativa de se tornar o único instrumento literário superior da Índia. Nesse momento crítico, surgiu um homem, Ram Moham Roy, de quem Tagore diz que «é um dos autores imortais da época moderna» e que, vendo a amplitude enorme da questão e sua influência no destino da nacionali-

dade, notando, por outro lado, a falta de vitalidade da sua língua, resolveu colaborar no estudo e propagação da língua britânica e, ao mesmo tempo, procurar despertar no seu povo o gôsto pelos autores clássicos e pela língua própria.

Ram Moham Roy encontrou em Debendranath Tagore, pai do nosso poeta, um colaborador entusiasta e ardente. Pessoa dum alto ascendente moral, gozando duma autoridade indiscutida, tornou-se o fulcro do renascimento literário de Bengala.

Por virtude da acção dêstes homens, estava criado, a partir do meado do século passado, um poderoso movimento literário, animado por uma plêiade brilhante de escritores e poetas, movimento em que havia de ir integrar-se, para o transformar e o elevar a um nível ainda não atingido, o jovem Rabindranath.

* * *

Creio ter traçado sumàriamente o quadro do ambiente físico e psicológico em que vai aparecer Tagore. O cenário está montado, espiemos agora a entrada do actor principal do drama e notemos com cuidado o modo como o ambiente vai actuando sôbre êle e como êle lhe vai respondendo.

Tôda a vida e obra de Tagore está nisto — enraïzado profundamente nesse ambiente, vai-se lentamente construindo a si mesmo, e quando a árvore adquire vida própria o estender potente dos seus ramos vai por seu turno contribuir para a

transformação do meio, tornando-o mais consciente e aumentando-lhe, conseqüentemente, as afirmações vitais. Tagore é, de facto, uma síntese, mas uma síntese prodigiosa, ou antes, uma síntese no sentido próprio do termo, não uma simples justaposição — uma criação.

A primeira grande influência da sua vida foi a exercida pelo pai. Êle próprio a descreve do seguinte modo: (1) «Estava muito só — é o traço dominante da minha infância — estava muito só! Raramente via meu pai: estava muitas vezes ausente mas a sua presença fazia-o sentir em tôda a casa, e essa influência, uma das mais profundas que jamais tenho sentido, reagiu sôbre a minha vida. Os criados estavam encarregados de me vigiar e eu passava o tempo, dia após dia, sentado diante da janela a imaginar o que se passava no mundo exterior.

«Das minhas mais longínquas recordações, amava apaixonadamente a Natureza. Ah! sentia-me louco de alegria quando via as nuvens subir, uma a uma, alto, cada vez mais alto, no céu! Sentia em volta de mim, mesmo nestes anos tenros, uma camaradagem muito intensa e muito íntima, que não sabia como nomear. Sentia um amor tão excessivo pela Natureza, que não sei que palavras empregar para vo-lo descrever, mas ela era para mim uma espécie de terna companheira,

(1) Prefácio a *Lettres à un ami*. Rieder.

sempre próxima e sempre a revelar-me alguma beleza nova!»

Vê-se aqui, juntamente com o despontar do tema do amor pela Natureza, a lenta elaboração que no espírito daquela criança solitária se vai dando — o silêncio, a presença sempre sentida duma personalidade querida e respeitada por todos, e uma janela aberta sôbre o mundo que é vivo e sôbre a natureza que é bela.

Esta situação tem tanta importância na vida de Tagore que a encontramos, quási igual, numa das suas obras teatrais — *Amal e a carta do rei* (1). Também o pequeno Amal está confinado a uma janela, não podendo, como queria, ir para o campo, atravessar o rio e perder-se na montanha; e dessa janela êle observa as gentes, chama-as, conversa com elas e irradia simpatia. Passa, entre outros, o leiteiro, ajoujado sob a sua carga de leite coalhado e queijos; Amal chama-o e ao fim dum bocado de conversa pregunta-lhe arrependido: «diz, não te fiz perder muito tempo?» «De maneira nenhuma,» responde o vendedor, «não perdi o meu tempo junto de ti. Fizeste-me compreender que se pode ser feliz, mesmo a vender queijos».

A existência das crianças toma uma boa parte da obra literária de Tagore. Por vezes, são poemas puramente líricos, em que o amor da criança

(1) *Amal et la lettre du Roi*, N. R. F.

vem ligado a qualquer coisa de misterioso no universo, como em

A ORIGEM (1)

«Donde vim eu? onde me achaste?» pregunta Bébé à mãe. A mãe, entre sorrisos e lágrimas, aperta mais a criança contra si e responde:

«Estavas escondido no meu coração, querido, eras o seu desejo.

«Estavas nas bonecas da minha infância, e quando, de manhã, modelava no barro a imagem do meu Deus, eras tu que eu fazia e desfazia.

«Estavas no altar com a divindade do nosso lar; adorando-a era a ti que eu adorava.

«Em todos os meus desejos, em todos os meus amores, na minha vida, na vida de minha mãi, viveste tu sempre.

«O espírito imortal que é o guarda do nosso lar acalentou-te desde sempre no seio.

«Na minha adolescência, tu envolvias, como um perfume flutuante, o meu coração em flor.

«Tal como a luz rósea que precede a aurora, assim a tua frescura delicada envolvia os meus membros juvenis.

«Tu, o favorecido do céu, tu que tiveste por irmã gémea a luz da primeira manhã, fôste transportado pelas ondas da vida universal que por fim te depuseram no meu coração.

«Quando te contemplo, submerge-me a vaga do mistério: tu, que pertences a todos, foste-me dado!

«De mêdo que me escapes, aperto-te sôbre o coração. Que magia fêz que o tesouro do mundo fôsse entregue aos meus braços delgados?»

(1) *La jeune lune* — Gallimard.

Outras vezes, Tagore toca um pouco mais fundo na realidade e, ligado à criança, aparece o tema da liberdade. É exemplo disso

O ÚLTIMO CONTRATO (1)

«Alugo-me! quem me quere? Isto gritava eu de manhã, caminhando ao longo da estrada calcetada.

«De espada desembainhada, passou o rei no seu carro. Pegou na minha mão, e disse-me: «tomo-te ao meu serviço; em paga, partilharás do meu poderio». Mas o seu poder não me interessava e deixei-o partir no seu carro.

«Ao calor do meio dia, tôdas as casas estavam fechadas.

«Vagueava pelos caminhos tortuosos.

«Aproximou-se um velho com um saco cheio de ouro.

«Parou perto de mim, pensativo, e disse-me: «Vem, tomo-te ao meu serviço; pago-te com êste ouro».

«Pôs-se a contar as moedas uma a uma e eu afastei-me.

«À noite. A grade do jardim estava tôda florida. Uma bela jovem andou para mim e disse-me: «tomo-te ao meu serviço; pagar-te-ei com um sorriso».

«Mas o sorriso apagou-se, perdeu-se entre lágrimas e a jovem, solitária, reentrou na sombra da noite.

«O sol brilhava na areia; as ondas espreguiçavam-se caprichosas.

«Uma criança, sentada na praia, brincava com as conchas.

«Olhou para mim, pareceu reconhecer-me e disse-me: «tomo-te, sem te dar nada em troca».

«E depois dêste contrato, concluído a brincar com uma criança, passei a ser um homem livre.»

(1) *La jeune lune.* Gallimard.

* * *

Prolongando imediatamente êste período de infância, e sobrepondo-se à influência do pai, encontramos na vida de Tagore uma fase em que sôbre êle se exerce o encanto dos poetas antigos da língua bengali, Chandi Das e Vidyapati, principalmente. Aí bebeu a inspiração romântica que o fazia escrever aos doze anos pequenos poemas de imitação do estilo clássico, os quais logo chamaram a atenção do mundo literário nascente.

A ancestralidade nacional começava assim a sua acção sôbre o poeta e êle mergulhava na corrente de que só havia de sair para lhe alargar o volume e a significação humana.

Mas essa acção só devia atingir a sua plenitude alguns anos mais tarde, quando, por indicação do pai, Rabindranath Tagore foi viver para o domínio que a família possuía em Shileida, nas margens do Ganges. Aí, foram a floresta, a vida rural, o contacto com a gente trabalhadora, e, de novo, o silêncio, a observação recolhida, os grandes mestres de Tagore. Vejamos como êle se refere, bastante tempo depois, a esta sua experiência: «Foi um grande acontecimento na minha vida, quando, pela primeira vez, habitei aqui entre o meu povo, porque assim entrei em contacto com a realidade da existência. Dêle ressalta verdadeiramente uma muito completa impressão de humanidade; a atenção não é desviada e sente-se que

na verdade o homem é muito para o homem. Chega-se a esquecer êste povo, do mesmo modo que se não pensa na terra sôbre a qual se caminha. Contudo estes homens formam a grande massa da vida que sustenta tôdas as civilizações e suporta os seus fardos. Contentam-se em viver duma vida que quási se resume em existir, a-fim-de que outros possam provar que a vida do homem é muito mais do que uma simples existência. Manteem o nível do mínimo (que é enorme como quantidade) a-fim-de que o máximo não seja embaraçado pelo seu próprio desenvolvimento.

Milhares de hectares de terra são cultivados para que uma universidade possa ser mantida sôbre *um* hectare. Contudo, estes homens são insultados, ùnicamente porque, a-pesar-de serem tão absolutamente necessários, são as necessidades da existência que os conduzem a esta situação. Acham-se nela bem contra vontade. Esperamos todos que, sôbre êste ponto, a ciência virá, por fim, em socorro do homem. Ela tornará as necessidades da vida fàcilmente acessíveis a cada um, de maneira que a humanidade acabará por libertar-se da tirania da matéria que presentemente a humilha. Esta massa de homens que lutam é grande no seu patético, no seu estado latente de poder infinito. É belo onde é simples e espontâneo, é sublime onde é grande, profundo e duradouro» (1).

(1) Carta a Andrews, em *Lettres à un ami*, Rieder.

Êste mesmo sentimento de beleza no trabalho e na luta dos homens transparece num outro passo posterior: «Olhai, em volta da nossa Asram, as mulheres aborígenes de Santal. Nelas, o ideal da vida física encontra um desenvolvimento perfeito, pela simples razão de que estão sempre ocupadas em exprimi-lo no trabalho. As suas atitudes e os seus movimentos atingem aquela bela harmonia porque são sempre mantidos em acôrdo pela actividade da sua vida. A única coisa que eu nunca me cansei de admirar é o aceio dos seus membros vigorosos que se manteem sempre limpos, mesmo em contacto permanente com a imundice. As nossas damas, com os seus sabonetes e os seus perfumes, dão sòmente um verniz artificial ao corpo superficial; mas o aceio produzido pela actividade contínua do corpo, devida à perfeição da saúde física, êsse não podem nunca atingi-lo» (1).

Por efeito desta grande escola que é o contacto com a vida rural bengali, vai-se afirmando e tomando côrpo na mente de Tagore o objectivo da sua vida, já anteriormente entrevisto num momento de êxtase: «exprimir a plenitude da vida, na sua beleza, como sendo a própria perfeição» (2).

É essa expressão que êle tenta por mais duma vez a golpes de lirismo místico em vários poemas, de que eis um exemplo, tirado de Gitanjali:

(1) Prefácio a *Lettres à un ami*, Rieder.
(2) Prefácio a *Lettres à un ami*, Rieder.

«O mesmo rio da vida que corre noite e dia pelas minhas veias corre através do mundo e dança em pulsações rítmadas.

«É esta mesma vida que faz brotar através do pó da terra a sua alegria em inumeráveis raminhos de erva, e rebenta em fogosas vagas de fôlhas e flores.

«É esta mesma vida que fluxo e refluxo balançam no oceano-berço do nascimento e da morte.

«Sinto os meus membros glorificados ao contacto desta vida universal. E sinto-me orgulhoso porque a grande pulsação da vida dos tempos é no meu sangue que neste momento dança» (1).

Mas o que talvez de mais importante Tagore colheu nesta sua imersão na vida rural bengali foi o contacto com os nossos conhecidos Baüls que vieram completar junto dêle a herança do passado místico e religioso de Bengala, a que a leitura de poetas o iniciara já. Numa das suas conferências realizadas mais tarde na Europa (2), Tagore mostra bem o que para a sua formação representou o encontro dos Baüls. Refere êle que na sua juventude o pai o encarregara do secretariado duma secção da igreja monoteísta de que era decano. O poeta tomou parte nos serviços litúrgicos, compôs hinos e ao fim de algum tempo descobriu que a sua fidelidade era apenas superficial, dedicada à instituïção e não ao espírito da religião; afastou-se.

(1) Gitanjali — *L'Offrande lyrique*, Gallimard.

(2) *L'Homme de mon coeur*, em *Religion de l'Homme*, Rieder.

Por essa mesma época ouviu por acaso cantar um mendigo Baül e foi imediatamente conquistado por essa canção que, segundo as suas palavras, «era uma expressão religiosa que não era nem grosseiramente concreta, cheia de detalhes informes, nem metafísica na sua transcendência refinada. Era animada ao mesmo tempo duma sinceridade cheia de emoção e falava duma intensa aspiração do coração para o divino no Homem, que não se encontra no templo, nem nas escrituras, nas imagens ou nos símbolos». «Daí por diante, — continua Tagore — procurei muitas vezes encontrar estes homens e procurei compreendê-los pelos seus cantos, que são a sua única forma de culto».

Numa outra conferência, referindo-se ainda à influência que os Baüls tiveram sôbre êle, diz: «nos seus cantos declaram a divindade do Homem e exprimem um intenso sentimento de amor por êle. Vindos de homens que não estão corrompidos, que vivem uma vida simples e obscura, êsses cantos dão-nos um guia para a significação interior de tôdas as religiões, porque nos sugerem que essas religiões não dizem respeito nunca a um Deus composto de fôrça cósmica, mas sim a um Deus com personalidade humana» (1).

Mas a influência poderosa dos Baüls sôbre Tagore evidencia-se de muitas outras maneiras ainda.

(1) *Religion de l'Homme*, Rieder.

Ela é manifesta, por exemplo, na sua obra teatral. Lá aparece freqüentemente um Baül e sempre com a mesma função — a de chamar o homem à consciência de si mesmo, a de proclamar os direitos da consciência livre, a de defender, emfim, a dignidade do homem. É assim que, por exemplo, o Dhonandjaï de *A Máquina* proclama « só se ganha realmente uma coisa mantendo-a livre; apoderai-vos dela e ela escapa-vos » e, numa outra passagem: « Se tendes mêdo, é ùnicamente porque no fundo do coração inclinais ainda à violência. Eu que estou disso curado, já não tenho mêdo. Aquêle que tem o rancor no coração, é constantemente assaltado pelo temor ».

Pormenor curioso, Tagore representa freqüentemente as suas próprias peças de teatro e escolhe sempre o papel do personagem Baül.

Outra amostra da mesma influência é dada pela sua obra musical. Tagore, não sendo pròpriamente um músico, compõe, como vimos atrás, melodias para as suas canções. Ora, a darmos fé aos críticos que melhor teem penetrado êste lado da personalidade de Tagore, a sua música encontra-se sob a tripla influência da música europeia, da música clássica hindu e da música popular e religiosa de Bengala (1).

As composições musicais de Tagore não são

(1) A. Bake e Ph. Stern, *Chansons* de R. Tagore. *Lib. Orientaliste*, P. Geuthner.

para execuções espectaculares. Banha-as uma ambiência de ternura e encanto, só compatíveis com o velado e discreto duma reünião íntima; por isso a música, a sua música, desempenha um papel importantíssimo na Universidade de Shantiniketan de que já falaremos daqui a pouco.

Como último exemplo da influência dos Baüls sôbre a formação da sua mentalidade, referir-nos-emos ao que mais característico é nessa mentalidade — as suas ideas quanto à posição central do Homem no universo.

Vou apresentar a VV. Ex.as dois textos; num dêles diz-se: « A personalidade infinita do Homem compreende o Universo. Não há nada que não possa ser ultrapassado pela personalidade humana, e é isso que prova que a verdade do Universo é a verdade do Homem.» No outro afirma-se: «O nosso mundo é semelhante à nossa compreensão: o pensamento e a existência estão ìntimamente unidos. Tôdas as coisas desapareceriam se o homem não existisse; e quando a resposta vem ao nosso apêlo, conhecemos então o sentido da realidade ».

¿ Que diferença há entre o fundo de um e outro texto?

Creio bem que não poucas pessoas ficarão surpreendidas ao saberem que o segundo foi recolhido da bôca dum mendigo Baül numa aldeia de Bengala; e o primeiro, que não tem nada a mais do que o outro, é de Tagore, e contém uma das

afirmações por êle feitas numa conversa com Einstein sôbre a natureza da realidade» (1). A identidade de pensamento, junta à diversidade dos personagens e das situações, não deixa de ser chocante e, precisamente porque o é, mostra quão profundamente Tagore enraïza na sua terra e no seu povo.

Mas aqui me parecem residir, precisamente unidos à grande fôrça que essa situação lhe dá, os germens da sua fraqueza. Tagore é, talvez demais, homem da floresta; levado pela comunhão da pessoa humana com o meio que a floresta domina, conforme as suas próprias palavras, êle permite uma demasiado arrogante projecção do homem-indivíduo sôbre o meio, e essa projecção é tão larga que nela se absorve tôda a realidade exterior. Na conversa com Einstein, a que acabo de referir-me, as posições são nítidas e opostas — Tagore pugnando por uma realidade e uma verdade puramente humanas, Einstein afirmando a sua crença numa realidade natural exterior ao homem.

Sem querer agora discutir as duas teses, notemos, no entanto, o carácter antropomórfico da de Tagore. Esta mesma posição se prolonga no domínio das suas ideas sociais e políticas. Para êle, ao *individual* está ligado o poder criador do *ideal;* ao *colectivo* o lado negativo e estéril da *paixão.* E, se bem que se eleve vigorosamente «contra o

(1) *Religion de l'Homme,* Rieder.

individualismo desenfreado, por ser contra o que é verdadeiramente humano, isto é, espiritual» (1), em contra-partida descrê, e já veremos, daqui a pouco, um exemplo frizante, da acção colectiva como criadora ou mantenedora dos bens de cultura.

Não deixa de ser curioso notar, a êste respeito, que na obra de Tagore, a par de laivos de descrença como estes, se encontram passagens em que êle condena que o coração caminhe «na via estreita do Eu por ser cheia de temores, de dúvidas e de amarguras», e preconize «o seu abandono e a volta ao dia, no seio do todo» (2).

Evolução, dir-se-á. Sim, de-certo, mas não muito clara, pelo menos para mim, dado que a ordem cronológica dos textos que pude consultar não indica uma marcha nítida em favor de qualquer das duas concepções. Antes me parece haver aqui uma flutuação entre dois polos, de contornos talvez pouco definidos na luz difusa das profundezas da floresta...

* * *

Quem tenha reparado no que atrás dissemos sôbre a personalidade dos Baüls e sôbre a natureza do seu culto, quem repare agora, pelos passos que acabamos de transcrever, na influência que

(1) Alocução, em *Rel. de l'Homme,* Rieder.
(2) Carta a Pearson, em *Lettres à un ami,* Rieder.

êles exerceram sôbre o poeta, quem, além disso, se não esqueça do outro conjunto de influências que procuramos traçar, tem, creio eu, se não a chave da compreensão da mentalidade de Tagore, pelo menos a dos moldes em que ela se vai fundindo.

Para a sua definição completa, falta, porém, um elemento muito importante ainda, possìvelmente o mais importante de todos — o aspecto mais dramático da sua vida, os golpes duríssimos que o feriram nos seus afectos mais íntimos, que foram a perda prematura da mulher, a seguir duma filha e, depois, dum filho.

Tagore desceu ao abismo da dôr, mas não se deixou destruir por ela. Do cadinho em braza que é o contacto com a Morte, êle saíu com um grau de compreensão da vida, uma serenidade em face do sofrimento, que só podem ser apreendidos por aquêles a quem o roçar da aza da tragédia alguma coisa tenha ensinado já a respeito do significado da dôr.

Dêsse alto nível de visão falam-nos alguns poemas de Gitanjali, como por exemplo êste (1):

«Mergulho na profundidade do oceano das formas, na esperança de atingir a pérola perfeita e sem forma.

Não navego já de pôrto em pôrto, nesta barca batida pela tempestade. Vão longe os dias em que para mim era um jôgo o ser sacudido pelas ondas.

(1) *L'offrande lyrique*, Gallimard.

E agora aspiro a morrer no que é sem morte.

Na sala da audiência, perto do abismo sem fundo donde emana uma música sem notas, pegarei na harpa da minha vida.

Afinar-te-ei no tom do eterno, harpa! e quando tiver vibrado o teu soluço supremo, aos pés do silencioso, depor-te-ei silenciosa.»

Dêsse mesmo nível de visão é testemunho principal êste passo duma sua carta:

«Êste mundo é maravilhosamente belo, mas não podemos deixar de sentir que há no seu coração um sofrimento secreto, e que êsse sofrimento possue a sua imortal beleza. É uma concha de nacre de tintas e desenho maravilhosos e esconde no seio uma gota de lágrima que a eleva acima de todo o preço.

Todos os nossos pagamentos devem ser feitos em dôr; de outro modo, a vida e êste mundo não teriam mais valor do que a própria poeira» (1).

É impossível, ao lêr estas frases, não recordar aquêle pensamento, do mesmo fundo, expresso por Romain Rolland:

«Tudo o que é grande é bom, e o máximo da dôr atinge os cumes da libertação...» (2)

(1) Carta a Andrews, em *Lettres à un ami*, Rieder.
(2) Jean Christophe, *La foire sur la place*, Albin Michel.

* * *

Procurei mostrar algumas influências que concorreram para a formação de Tagore e como alguns dos traços porventura capitais da sua personalidade tiveram origem na ambiência que desde a infância o banhou.

É tempo, antes de vos abandonar ao desejo de o ler, porque só lendo-o o ficareis conhecendo, de vos dizer algumas palavras sôbre a sua acção, sôbre o modo como êle por sua vez influe no meio em que vive, de acôrdo com aquela concepção de acção recíproca entre meio e homem de que vos falei no início.

Tagore devotou-se a duas grandes tarefas — à afirmação de vitalidade da língua do seu povo e à luta pelo ideal de amor e de fraternidade humana que palpita no fundo das suas concepções religiosas e metafísicas.

Da primeira dessas tarefas, dir-vos-ei apenas que, de influenciado pelo movimento literário de Bengala que florescia já antes do seu nascimento, êle se transformou na sua principal alavanca actual. Pode afirmar-se que Tagore tem feito mais pela língua bengali do que todos os escritores seus compatriotas juntos; êle é hoje a primeira figura literária, não já de Bengala mas de tôda a Índia, para não dizer de tôda a Ásia. ¡Como está nêle singularmente alargado o primitivo quadro daqueles visionários que, escorraçados pelos grandes do seu tempo, lançavam, em humildes estrofes de amor ou em canções pelos caminhos, os fundamentos da língua bengali!

Quanto à segunda tarefa, tem-na êle realizado de múltiplas maneiras, mas certamente a que lhe é mais querida é a da sua Universidade de Shantiniketan.

Fundada inicialmente como casa religiosa, em hindú Asram, pelo pai, Debendranath Tagore, foi transformada depois por êle em escola, com o objectivo, segundo diz, de «dar aos nossos rapazes um horizonte tão largo quanto possível, como os interêsses humanos universais. Isso deve vir espontâneamente, não simplesmente pela leitura dos livros, mas pelas relações com todo o vasto mundo» (1).

Êsse projecto alargou-se ainda, mais tarde; ouçamos o que a êsse respeito diz Andrews, um dos seus mais devotados colaboradores: «Inicialmente, o seu objectivo fôra reünir, no seu Asram, os ensinamentos religiosos dispersos da Ásia, a-fim-de os apresentar ao resto do mundo em completa união. Mas a sua visão compreensiva não podia deter-se num horizonte menos vasto que a própria humanidade. Durante os anos 1918 e 1919 andei com êle em numerosas *tournées*, na altura em que vagueava em todos os sentidos na Índia, procurando uma terra de sementeira na qual os seus pensamentos sôbre o progresso humano pudessem tomar raiz e produzir frutos. Pude ver no decurso dessas *tournées*, que esta idea central e única, de que já falei, tomara uma forma concreta. Êle imaginava Shantiniketan abrindo as suas portas ao

(1) Carta a Andrews, em *Lettres à un ami*, Rieder.

mundo inteiro, convidando os adeptos da paz e da boa vontade, tanto do Oriente como do Ocidente a irem lá, como iguais, sem distinção de casta, de raça ou de fé» (1).

É a realização desta idea que êle tem prosseguido incansàvelmente, dentro e fora de Shantiniketan, dentro e fora da Índia, em viagens e conferências por todo o mundo.

Duas coisas citadas no passo de Andrews que acabei de transcrever, o preocupam grandemente — o problema religioso e o das relações entre Oriente e Ocidente.

Mentalidade profundamente religiosa, não está no entanto enfeudado a nenhum sistema ou igreja, e, se bem que bebendo constantemente nos Upanishads, reconhece o valor positivo dos ensinamentos de grandes fundadores de religiões, como Budha e Cristo. Mas tem sempre o cuidado de distinguir entre *espírito duma religião* e *instituïção religiosa* que serve ou explora êsse espírito.

É assim que, por exemplo, numa carta a um amigo que o consultara sôbre a sua opinião a respeito da Igreja Católica êle diz, depois de afirmar a sua admiração pela grandeza moral de Cristo: «É um truísmo dizer que o carácter da maioria dos membros duma comunidade religiosa determina a altura dos seus ideais. Por êste motivo, uma instituïção que não escolhe os seus materiais,

(1) Andrews em *Lettres à un ami*, Rieder.

e possue uma avidez excessiva pelo seu próprio acréscimo, muitas vezes se torna simplesmente o organismo mais eficaz para exprimir a paixão colectiva dos seus membros. ¿Não o tendes notado, no decorrer da última guerra europeia? ¿E, em tempo de paz, a profissão dum cristianismo sectário não cria uma marca de honorabilidade que serve para cobrir uma multidão de pecados? Eu sei que uma comunidade de «homens que procuram Deus» é um grande refúgio para o homem. Mas desde que ela toma a forma de Instituïção, tem tendência a dar entrada ao demónio pela porta traseira» (1).

Ainda nesta preocupação de não submeter o sentimento religioso a nenhum Deus particular, o poeta prolonga a linha dos seus antepassados espirituais. Kabir, num dos seus poemas, traduzidos por Tagore, dissera já: «¿Se Deus está no templo, então a quem pertence o mundo? Romeiro, se Rama está na imagem que tu adoras, ¿o que se passa então onde não há imagens» (2)?

A sua outra grande preocupação é, como disse, a das relações entre o Oriente e o Ocidente, no primeiro plano das quais se encontra, claro, o problema da Inglaterra que, como bem se pode calcular, tem sido para êle uma fonte de sofrimentos e decepções.

Ainda aqui êle procura alargar o debate, estendendo-o à fraternidade dos povos, independentemente

(1) Carta a Pearson, em *Lettres à un ami*, Rieder.
(2) *Poèmes de Kabir*, Gallimard.

de quaisquer barreiras físicas, sociais ou de raça.

O problema das raças encontra-se já focado, em termos de grande actualidade, na sua peça *A Máquina*» (1), escrita há mais de dez anos; aí é tratado um conjunto de motivos que fazem dessa peça uma síntese feliz do seu pensamento.

O tema principal é o seguinte: Ranadjit, Mahârâdj de Outtarakoutt, manda construir uma barragem na ribeira Moukta-Dhârâ, ou Corrente-livre. Essa barragem vai impedir que a ribeira continue a fertilizar os campos das gentes de Chibtaraï, e ameaça portanto lançá-las na miséria. Mas o engenheiro construtor, o orgulhoso Bibhouti, representante da indústria egoísta, exploradora da ciência, não cura disso. A alguém que lhe pregunta se os gritos dos esfomeados não o perturbam, responde: « Não, o meu dique suportou bem o assalto da corrente; não serão as lágrimas que o irão abalar.»

E a máquina, monstro devorador das vidas humanas que requerera já para a sua montagem, continua a lançar uma sombra sinistra sôbre o futuro do povo de Chibtaraï.

Mas o Mahârâdj não conta só com aquela máquina para a escravização de Chibtaraï e do seu próprio povo; utiliza outra mais sólida, se bem que mais subtil; é essa outra que vemos em acção na cena que vou transcrever:

(1) *La Machine*, Rieder.

RANADJIT — ¿Onde leva essas crianças?

O PROFESSOR — Mahârâdj, trouxe-as aqui, desejando que elas assistam à festa que V. Magestade dá em honra do engenheiro Bibhouti. Não quereria que elas perdessem a ocasião de contemplar a nossa altiva Outtarakoutt nestas horas gloriosas.

RANADJIT — ¿Essas crianças sabem verdadeiramente o que Bibhouti fêz por nós?

OS ESCOLARES *(Saltando e batendo com as mãos)* — Sabemos, sabemos, privou as gentes de Chibtaraï da sua água potável.

RANADJIT — ¿E porque fêz êle isso?

OS ESCOLARES — Para lhes dar uma boa lição.

RANADJIT — ¿E porquê essa lição?

OS ESCOLARES — Oh! são gentes muito más!

RANADJIT — ¿Em quê são elas más?

OS ESCOLARES — Oh! são más, muito más; tôda a gente sabe que são más!

RANADJIT — Mas emfim, ¿sabeis em quê elas são más?

O PROFESSOR — Certamente, Mahârâdj, sabem *(dirigindo-se aos alunos)* vejamos... ¿não leram... nos vossos livros... nos vossos livros? A sua religião é...

OS ESCOLARES — Ah! é verdade, a sua religião é muito, muito má!

O PROFESSOR *(Apontando para o nariz)* — ¿E não teem êles qualquer coisa que não é como em nós, vejamos, o...?

OS ESCOLARES — O nariz! não teem o nariz direito como o nosso.

O PROFESSOR — Muito bem! E agora digam-me, ¿o que é que os astrólogos da côrte demonstraram? ¿O que acontece quando os homens duma certa nação teem o nariz direito?

Os ESCOLARES — Isso quere dizer que essa nação é chamada aos mais altos destinos.

O PROFESSOR — Sim, mas que acontece, vejamos? Ela vence... tôdas as outras nações...

Os ESCOLARES — Sim, é isso, vence tôdas as outras nações.

O PROFESSOR — ¿Ouviram já dizer alguma vez que alguém de Outtarakout tenha jamais sido vencido numa batalha?

Os ESCOLARES — Nunca!

O PROFESSOR — ¿Prâgdjit, o avô do nosso rei, não fêz êle em bocados, com 293 homens de tropa, uma horda inteira de Bárbaros do sul que não tinha menos de 31.750 homens?

Os ESCOLARES — É verdade!

O PROFESSOR — Podeis estar certo, Mahârâdj, de que estas crianças, quando forem homens, serão o terror de tudo o que não teve a boa sorte de nascer nos limites dêste reino. Eu seria um educador pérfido se faltasse à minha tarefa. Não esqueço um instante que formidável responsabilidade repousa sôbre mim: somos nós que criamos homens, e os homens de Estado não fazem mais que utilizá-los. E, contudo, que V. Magestade considere a enorme diferença que há entre êles e nós, entre os nossos salários e os dêles...

O MINISTRO — Mas são êsses mesmos homens que formais que são a vossa verdadeira recompensa.

O PROFESSOR — Poderosamente raciocinado, venerável ministro; estas crianças são, com efeito, a nossa mais bela recompensa. Mas, ai, de nós, os preços dos víveres sobem todos os dias; porquê? por exemplo a manteiga...

O MINISTRO — Muito bem, muito bem, falaremos de manteiga noutra ocasião. Por agora retire-se. Aproxima-se a hora da cerimónia.

Vai-se o professor, e o Mahârâdj observa ao ministro:

«Êste pedagogo parece que tem na cabeça um bocado de manteiga em logar de miolos».

Ao que o avisado ministro responde:

«É provável, Mahârâdj. Reconheçamos, no entanto, que esta espécie de pessoas é muito útil. O pobre diabo continuará a repetir, dia após dia, a sua lição, tanto tempo quanto se quiser. Um homem dotado de alguma inteligência não poderia trabalhar assim com a perfeição de uma máquina».

Como se vê, o problema é o mesmo que noutros meridianos—o mesmo tipo de lacaio, a mesma qualidade de indivíduos, com manteiga a mais na cabeça, a proclamar as virtudes excelsas dum certo feitio de nariz. Ao fim, a Moukta-Dhârâ, a Livre-Corrente, acaba por retomar o seu curso. A máquina é destruída, não pela acção concertada e colectiva das gentes ameaçadas por ela, mas pelo sacrifício do príncipe herdeiro Abhidjit que resolve, num gesto supremo de renúncia, oferecer a sua vida pela liberdade da torrente e do povo de Chibtaraï.

E a amplitude do drama fica assim limitada pela dupla incapacidade colectiva — na determinação dos seus destinos e na apropriação em seu

benefício dos resultados da ciência. Limitação esta que me parece inerente àquela flutuação, a que atrás me referi, do pensamento de Tagore entre *ideal individual* e *paixão colectiva.*

Não é de resto esta a sua única prisão. Com que melancolia devia ter escrito estas linhas sôbre o inculcar do rancor estúpido às crianças, aquêle mesmo poeta que escreveu que « onde o amor não trabalha, não há mais que um mundo morto » (1), aquêle mesmo poeta para quem a existência das crianças é sinónimo de criação de liberdade.

Por isso mesmo, por essa melancolia, êle nos é mais caro ainda. E se é verdade que neste mau bocado que estamos vivendo, sob o signo da violência, a voz do seu lirismo é abafada pelo ruido das batalhas, não é menos verdade que a sua presença continua para nós sempre como a de um Amigo, embora de traços um pouco esbatidos por vezes na bruma da utopia.

E quando, passado êste período de crise, a sociedade tiver reencontrado, noutra base orgânica, o equilíbrio que agora lhe falta, então, a sua poesia adquirirá todo o seu significado dentro da realidade; as crianças voltarão a ser criadoras de vida livre e os corações, para empregar as suas próprias palavras, os corações, fundindo-se na harmonia do todo, poderão brilhar na luz e cantar na alegria da liberdade.

(1) Carta a Pearson, em *Lettres à un ami*, Rieder.

APÊNDICE

Carta de Rabindranath Tagore a Yone Noguchi, poeta japonês

A *Yone Noguchi*, Tóquio.

Caro Noguchi:

A sua carta surpreendeu-me profundamente. Nem o seu carácter, nem o seu conteúdo se harmonizam com o espírito do Japão que eu aprendi a admirar nos seus escritos e que tenho amado, graças às nossas relações pessoais.

É triste pensar que a paixão do militarismo colectivo pode, de momento, invadir mesmo o artista-criador, que o verdadeiro poder intelectual pode ser arrastado a sacrificar a sua dignidade e a sua verdade, no altar dos sombrios deuses da guerra.

Parece estar de acôrdo comigo quando condena a carnificina da Etiópia pela Itália fascista; mas os ataques mortíferos contra milhões de chineses, julga-os sob um ângulo diferente. Em verdade, os julgamentos devem ser baseados em princípios, e, seja qual fôr a defesa, não pode alterar o facto de que o Japão, impondo uma guerra feroz aos chineses, com os métodos mortíferos do

Ocidente, infringe tôdas as leis morais, sôbre as quais repousa a civilização. Você diz que o Japão está numa situação particular, esquecendo que sucede o mesmo com tôdas as guerras. Os piedosos que favorecem a guerra, convencidos que as suas atrocidades necessitam uma justificação especial, nunca deixaram de procurar fazer alianças para se permitirem dominar e torturar em massa.

A humanidade, a-pesar-de todos os seus numerosos desfalecimentos, acreditou sempre numa fundamental estrutura moral da sociedade. Você fala-me dos *meios terríveis mas inevitáveis*, necessários para edificar um mundo novo, no continente asiático (o que quere dizer, suponho, que bombardear mulheres e crianças chinesas, destruir os seus templos e as suas universidades, é um meio de perseverar a China para a Ásia).

Você traça uma linha de acção para a humanidade que nem mesmo entre os animais é inevitável, e que não convém ao Oriente, sejam quais forem as aberrações momentâneas. A sua concepção é a duma Ásia que se erguesse sôbre um andaime de crânios.

Acreditei, como Você o sublinha com razão, na «Mensagem da Ásia»; mas nunca sonhei que essa mensagem se edificaria com actos semelhantes aos que exaltavam o coração de Tamerlam, nas suas matanças.

Quando, nas minhas conferências no Japão, protestei contra a *ocidentalização*, era comparando

o imperialismo voraz de certas nações europeias com o ideal de perfeição prègado por Buda e Cristo e com a herança de cultura e de fraternidade que fêz nascer as civilizações asiáticas e as outras.

Senti que era meu dever pôr em guarda o país do Bushido, (1) da arte, das tradições heróicas, contra a selvajaria científica de que é vítima o Ocidente; o que conduziu essas massas impotentes a um canibalismo moral não devia ser imitado por um povo viril, em pleno renascimento, e que tinha diante de si um futuro de promessas.

A doutrina de a *Ásia para os asiáticos*, que Você preconiza na sua carta, como um meio de *chantage* política, tem todo o carácter do que há de pior na Europa e do que eu repudio, mas nenhuma dessas virtudes inerentes a uma humanidade melhor que uniria os povos, por cima dos fossos das divisões políticas.

Sorri, ao ler a afirmação recente dum político de Tóquio: *A aliança militar do Japão com a Itália e a Alemanha tem causas altamente espirituais e morais que não escondem nenhuma consideração material.* Muito bem. O que é cómico, é ver artistas e pensadores adoptarem estes sentimentos notáveis que escondem as bravatas militares em arroubos espirituais.

Mesmo nas horas críticas de loucura guerreira, há sempre, no Ocidente, grandes espíritos que ele-

(1) Código cavalheiresco de honra da moral militar japonesa.— *Nota do tradutor.*

vam a voz por cima da refrega e que, em nome da humanidade, desafiam os *profiteurs* da guerra: êsses homens teem sofrido, mas nunca traíram a consciência dos povos que representavam.

A Ásia não se *ocidentalizará* seguindo tais homens.

Creio ainda que no Japão existem dessas almas; mas os jornais, condenados a desaparecer se não imitam a voz dos chefes militares, não as mencionam.

A traição dos intelectuais, de que falou o grande escritor francês depois da guerra europeia, é um dos mais perigosos sintomas da nossa época.

Fala-me das economias que fazem os pobres japoneses, dos seus sacrifícios silenciosos e de todos os seus sofrimentos, e orgulha-se pelo facto dêsses sacrifícios patéticos servirem para invadir um povo vizinho e bombardear os seus lares.

Sei que a propaganda se tornou uma arte, e que é, por conseqüência, quási impossível aos países não democráticos resistir às doses de veneno que lhes injectam, hora a hora; mas esperava-se que os «intelectuais», êsses ao menos, conservariam a sua independência. Não é o caso; por trás dos argumentos falsificados esconde-se um nacionalismo pervertido que obriga os «intelectuais» de hoje a orgulharem-se das suas «ideologias» e força as massas, com medidas violentas, a marchar para a morte.

Conheci o seu povo e é-me impossível acreditar que êle participe deliberadamente num envenenamento organizado: narcotizam-se os homens e as mulheres com ópio e heroína; o seu povo ignora-o.

No entanto, os representantes da cultura japonesa na China empreenderam essa tarefa e levam-na o cabo, à custa de todos aquêles que se tornaram presa desta vasta organização de descalabro humano.

Provas dêste envenenamento forçado no Mandchukuo e na China foram trazidas por testemunhas inatacáveis.

Nenhuma voz de protesto, mesmo a dos poetas, se elevou no Japão.

Dado o estado de espírito dos vossos intelectuais, não me surpreende que o vosso govêrno deixe que êles se exprimam *livremente*. Espero que saboreiem a sua liberdade.

Fugir desta *liberdade, recolher-se na casca do caracol* e saborear o êxtase duma meditação sôbre *um futuro cheio de esperança*, não me parece necessário, a-pesar do conselho que Você dá aos artistas japoneses.

Eu não posso aceitar tal separação entre a função do artista e a sua consciência.

Outro sintoma da traição dos intelectuais: o luxo dum favoritismo especial, com a condição de se identificarem com o govêrno que destrói, no povo vizinho, tôdas as bases de vida.

Desgraçadamente, o resto do mundo é cobarde e não ousa expor as suas ideas sôbre as possibilidades de absorção e de ameaça que pairam sôbre o seu próprio futuro; deixam os malfeitores borrar a história a seu bel-prazer, ennegrecendo para a eternidade a sua própria reputação.

Mas, com o tempo, tal impunidade é sempre o prelúdio de desastres; uma doença que se descura faz, sem dor, estragos progressivos.

É com profunda tristeza que me dirijo ao seu povo.

A sua carta feriu-me no mais profundo do meu ser.

Eu sei que a desilusão dêsse povo será completa; ser-lhe-ão necessários muitos séculos de trabalho para varrer os detritos da sua civilização, destruída pelos senhores da guerra tomados de loucura.

Compreenderá, então, que esta agressão contra a China é acompanhada da destruïção do espírito cavalheiresco do Japão, destruïção que progride com uma violência feroz.

A China é *invencível!* A sua civilização, sob a guarda de Chang-Kai-Chek, desenvolve recursos maravilhosos; graças à fidelidade desesperada dos seus habitantes, unidos como nunca estiveram, uma nova idade se edifica na China.

Tragada, sem preparação, pela gigantesca engrenagem da guerra, que lhe foi imposta, a China suporta com alma o duro golpe.

Nenhuma derrota temporária poderá arrazar a sua alma inteiramente acordada.

Em face da ciência do militarismo japonês, grosseiramente *ocidental* no seu carácter, a atitude da China revela um estado moral superior.

Hoje mais do que nunca compreendo o entusiasmo do pensador japonês de coração: Okakura Kakuso (autor dos *Ideais do Oriente* e do *Livro do Chá*) quando me afirmava: « a China tem uma grande alma ».

Não percebe que vocês reanimam os vizinhos chineses à vossa própria custa. — Mas isso são considerações de ordem: resta-nos a dor de saber que o Japão, como escreveu M.me Chang-Kai-Chek, no *The Spectator* (certamente leu as suas palavras) está criando inumeráveis *espectros*: espectros das memoráveis obras de arte chinesa, das insubstituíveis instituïções chinesas e das grandes comunidades calmas que são envenenadas, torturadas e destruídas.

¿Quem dissipará êstes espectros? — pregunta M.me Chang-Kai-Chek.

O povo japonês e o povo chinês, esperemo-lo, marcharão de mãos dadas, num futuro próximo, afastando tôdas as recordações de um doloroso passado. A verdadeira humanidade asiática renascerá.

Elevando a voz, os poetas cantarão; e já não te-

rão vergonha, acreditemos, de afirmar novamente a sua fé num destino humano que não admitirá a produção científica brutal destas lutas fratricidas.

RABINDRANATH TAGORE

Uttarayan. Santinikotan (Bengala). 1 de Setembro de 1938.

P. S. Reparo que autorizou já a imprensa a reproduzir a carta que me endereçou; penso, pois, que você deseja que eu também publique a minha resposta.

Cadernos da SEARA NOVA

(Entre parêntesis os nomes dos tradutores, prefaciadores e anotadores)

Secção de Estudos Literários:

Raúl Brandão, por Castelo Branco Chaves..... 2$50
Teixeira Gomes, por Castelo Branco Chaves..... 2$50
Da Obra de Vargas Villa, por Faria Gayo..... 3$00
Castilho, por Castelo Branco Chaves..... 3$00
Oliveira Martins, por G. Le Gentil (Fernando Romero) 3$00
T. Braga e o Nacionalismo, por C. Branco Chaves.... 2$50
Aquilino Ribeiro, por Castelo Branco Chaves..... 2$50
Eça de Queirós e a França, por P. Hourcade (Castelo Branco Chaves)..... 3$00
Críticos e Criticados, por José Régio ..... 2$50
O Cosmopolitismo de Damião de Góis, por Marcel Bataillon (Castelo Branco Chaves) ..... 3$00
O Romance brasileiro e José Lins do Rêgo, por Lia Corrêa Dutra..... 2$00
Da viabilidade do romance português de interesse universal, por José Bacelar..... 5$00

Secção de Textos Literários:

Plutos, por Aristófanes (António Lôbo Vilela)..... 3$00
Siracusanas e Três idílios, por Teócrito (Marcos).... 2$50
D. Manuel de Meneses, por D. Francisco Manuel de Melo (A. Sérgio) ..... 2$50
Oração na Acrópole, por E. Renan (M. A. e Gastão Souza Dias)..... 1$50

Secção de Estudos Filosóficos:

Galileu Galilei, por Bento de Jesus Caraça ..... 3$00
Quatro cartas sôbre o idealismo, por Sílvio Lima ... 2$50
Ensaios sôbre o progresso, por Manuel Morente (Joaquim de Carvalho)..... 3$00
A Crença no progresso, por Manuel Morente (Joaquim de Carvalho)..... 2$50

Cartesianismo ideal e cartesianismo real, por António Sérgio ..... 2$50
Sete teses do positivismo lógico examinadas criticamente, William Henry Werkmeister (Vitorino Magalhães Godinho) ..... 3$00

Secção de Textos Filosóficos:

Exemplo da Vida Humana, por Uriel da Costa (Castelo Branco Chaves) ..... 3$00
A defesa de Sócrates, por Platão (Agostinho da Silva) 3$00
Critone, por Platão (Agostinho da Silva) ..... 2$50

Secção de estudos de vulgarização científica e técnica:

A Relatividade—Origem, evolução e tendências actuais, por Ruy Luís Gomes ..... 3$50
História da Electricidade, por Paulo de Barros ..... 5$00

Secção de Estudos Políticos e Sociais:

Eliseu Reclus, por Emílio Costa ..... 3$00
Democracia, por António Sérgio ..... 2$50
O destino do proletariado intelectual, por Emílio Costa 2$50
Introdução actual ao Programa Cooperatista, por António Sérgio ..... 1$00
Régies cooperativas em Inglaterra, por B. Lavergne 1$00

Secção de Estudos Históricos e Económicos:

O comércio dos resinosos, por M. Azevedo Gomes ... 3$00
Mousinho da Silveira, por Henrique de Barros ..... 2$50
Considerações sôbre o cooperativismo, por Nuno Rodrigues dos Santos ..... 1$50

Secção de Estudos Pedagógicos:

A política do idioma e as Universidades, por Rodrigues Lapa ..... 2$50
A Criança e o Crime, por Leonídio Ribeiro ..... 2$50
Sôbre a Didáctica das Matemáticas, por A. Lôbo Vilela 2$50

Em tôrno do problema da língua brasileira, por António Sérgio ..... 1$50
Frœbel e Montessori—O Trabalho Manual na Escola, por Manuel Soares ..... 2$50
O Primeiro ensino, por Manuel Soares, I e II ..... 2$00
A questão da freqüência infantil aos cinemas, por Dante Costa ..... 1$50

Secção de Moralistas:

Sermão sôbre o Trabalho, por Frei Alexandre do Espírito Santo Palhares (J. Neto Soares) ..... 2$00
Realidade, nebulosidade e falsificação, por José Bacelar 2$50
Duas Frentes: Pedagogismo e Universalismo, por José Bacelar ..... 3$50

Secção de Estudos de Arte:

História de uma catedral, por João Barreira ..... 4$00
Duas formas de expressão opostas na história da Arte, por Myron Malkiel-Jirmounsky ..... 1$50
Um método crítico e os seus resultados, por Eduardo Scarlatti ..... 2$00

Biografias:

POR AGOSTINHO DA SILVA:
A vida de Moisés ..... 3$50
A vida de Pestalozzi ..... 5$00
A vida de Francisco de Assis ..... 3$50
A vida de Lincoln ..... 3$50
A vida de Pasteur ..... 3$50
A vida de Zola ..... 3$50

Rabindranath Tagore, por Bento de Jesus Caraça .. 2$50

Vária:

Glossas, por Agostinho da Silva, I-II-III, 1$00, 1$50 e 1$50

POR ASSINATURA { **6 números . . . 12$50**
12 » . . . 22$50